

O AVESSE DO PRAZER: INFRAÇÃO, SEXUALIDADE E AFETO NA VIDA DE MENINAS EM CONFLITO COM A LEI

THE OPPOSITE OF PLEASURE: INFRACTION, SEXUALITY AND AFFECTION IN THE LIVES OF GIRLS IN CONFLICT WITH THE LAW

Silvia Piedade de Moraes
José Roberto da Silva Brêtas

RESUMO

Este artigo mostra as relações entre ato infracional e sexualidade de adolescentes do sexo feminino em cumprimento de medida socioeducativa. De cunho qualitativo, as narrativas das nove adolescentes com idades entre 14 e 19 anos se organizaram em três eixos - conceito de sexualidade, viver a sexualidade e aprender sobre sexualidade. Encontrou-se um conceito amplo de sexualidade envolvendo afetividade, sexo biológico, prazer e com maior ênfase a relação sexual. Os comportamentos sexuais mostraram tais concepções reelaboradas e aprendidas no contexto, revelando a importância para elas de estar na “normalidade”, aprendida com os roteiros sexuais entre pares, instituição socioeducativa, escola, mulheres da família, parceiros, revistas e no dia a dia. A atividade sexual não está dissociada da intimidade, de vínculos duradouros e de afetividade, mesmo porque muitas adolescentes têm parceiros fixos de longa duração. A instituição de medida socioeducativa ganhou uma importância surpreendente no papel de educação em sexualidade, estando à frente da escola e da família, no entanto, os pares (amigos) mostraram maior influência na aprendizagem da sexualidade, porém, por onde também circulam informações incorretas e tabus. A sexualidade das adolescentes está representada por alicerces de vergonha, medo, desigualdades de gênero relativas ao prazer e a liberdade sexual, moralismo e uma visão negativa sobre a sexualidade feminina. O fato de terem transgredido a lei não exerceu nenhuma forma maior de autonomia sobre a sexualidade rompendo com um imaginário equivocado sobre a relação.

Palavras-chave: 1. Adolescência; 2. Sexualidade; 3. Comportamento sexual; 4. Socioeducação.

ABSTRACT

This article shows the relationship between the infraction act and sexuality of female adolescents who are in compliance with socio-educational measures. Of qualitative nature, the narratives of the nine adolescents between the ages of 14 and 19 were organized in three parts - concept of sexuality, experience of sexuality and knowledge about sexuality. A broad concept of sexuality was found that encompassed affection, biological sex, pleasure and with greater emphasis, sexual

intercourse. Sexual behaviors showed these conceptions reworked and learned in context, revealing the importance to them of being in "normality", learned from sexual scripts among peers, socio-educational institution, school, family women, partners, magazines and everyday. Sexual activity is not separated from intimacy, from lasting bonds and from affection, even as many adolescents have fixed partners. The institution of socio-educational measurement has gained a surprising importance in the role of education in sexuality, becoming more important than the school and the family, nevertheless, the pairs (friends) have shown to exert greater influence in the learning of the sexuality, however, it is among the friends also that incorrect information is obtained and the taboos circulate. The sexuality of adolescents is represented by signs of shame, fear, gender inequalities regarding sexual pleasure and freedom, moralism and a negative view of female sexuality. The fact that they violated the law did not exercise any greater form of autonomy over sexuality, thus breaking with a mistaken imaginary about this relation.

Keywords: 1. Adolescence; 2. Sexuality; 3. Sexual behavior; 4. Socioeducation.

INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado da pesquisa de mestrado aprovado sob o número CEP 187/10 Unifesp. De cunho qualitativo, teve como participantes da pesquisa nove adolescentes do sexo feminino em cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto na cidade de Guarulhos/ SP. Para preservar a identidade das adolescentes conforme preconiza o Estatuto da Criança e do Adolescente e as Normas de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos os nomes foram substituídos por nomenclatura de flores escolhidas por cada uma delas. A pesquisa teve como objetivo conhecer como pensam a sexualidade e, mais profundamente, por que pensam de determinada forma este grupo tão distinto de meninas.

Entende-se que a sexualidade é inerente ao ser humano e é na adolescência que passa a ser norteadada pela égide da genitalidade e do interesse pelo outro. Deixa de estar centrada unicamente em si mesmo e vislumbra sua interação com o mundo.

Como política pública para adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa o SINASE (Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo) prevê que o desenvolvimento da sexualidade, como direito da pessoa humana, seja respeitado e os adolescentes de ambos os sexos orientados a vivê-la com prazer, responsabilidade e autonomia. Por meio de abordagens da promoção à saúde e dos direitos sexuais e reprodutivos, almeja-se propiciar as diferentes formas de busca de prazer, a prevenção às IST (Infecções Sexualmente Transmissíveis) e o planejamento familiar ao adolescente em cumprimento de medida socioeducativa.

Na proposta pedagógica central apontada pelo SINASE (2009), a política de descentralização das medidas socioeducativas assegura autonomia pedagógica às unidades (privativas de liberdade e em meio aberto) por meio de norteadores em direitos sexuais e reprodutivos aos adolescentes. Essa abordagem é fundamental para romper com uma proposta higienista pautada apenas na relação saúde-doença.

A vivência da sexualidade não diz respeito somente às relações sexuais, mas

também os laços afetivos da vida do adolescente, a vivência e a descoberta da orientação sexual, a valorização da autoestima, o cuidado com o corpo, a quebra de tabus como masturbação, relações de gênero e prevenção em IST.

Cabe saber que as políticas de educação em sexualidade¹ descritas no SINASE (2009) não fazem distinção entre os sexos e estabelece que as abordagens dos temas tenham recortes fundamentais de gênero e raça, tanto em instituições privadas da liberdade quanto às de cumprimento em meio aberto.

Ao longo desse artigo destacam-se três principais abordagens sobre a vida das adolescentes - a infração, a afetividade e a sexualidade - evidenciadas por meio de suas narrativas sobre o que consideram sexualidade, como a vivem e de que forma aprendem sobre ela.

MENINAS QUE TRANSGRIDEM: A LEI E A SEXUALIDADE ESTIGMATIZADAS NO 'FEMININO'

Para muitas pessoas é difícil conceber a ideia que o percentual de meninas em conflito com a lei vem crescendo (BRASIL, 2018). Em geral, essa perplexidade não questiona os aspectos da vulnerabilidade e sim, o mito de uma natureza feminina. Reconhecer que cada vez mais meninas cometem infrações, transgridem e agredem fere as representações de docilidade e submissão atribuídas à “natureza das mulheres”.

A crença em uma agressividade masculina e numa passividade feminina é tão forte que segundo Withaker (1988) trata-se de uma força ideológica das quais insistem em afirmar que há diferença nas relações entre sexo e temperamento.

Segundo Lamb (2001) no decorrer da história, diferenças nas concessões sobre sexo e agressividade marcaram o cenário das diferenças de gênero. Para as mulheres e meninas exige-se um comportamento social explícito que anula em si mesmas tais condições. As meninas precisam reconhecer em si a sua capacidade agressiva e erótica, para que possam elaborá-las para seus objetivos de vida. Devem ter a permissão para ficar com raiva e então saber exigir respeito e desenvolver autorrespeito. Se o potencial agressivo não puder ser trabalhado poderá sucumbir para o caminho da violência, da repressão, da acomodação, do medo, da falta de criatividade e até para doenças.

Giddens (1993) afirma que as mudanças no comportamento feminino e nas suas atitudes sexuais têm ganhado maior evidência. A sexualidade, sobretudo a feminina, tem se revelado em estilos de vida bastante variados.

¹ A educação em sexualidade é um termo recentemente adotado pelas Nações Unidas em colaboração com suas agências¹ a partir de junho do ano de 2010 e a define como “educação em sexualidade como uma abordagem apropriada para a idade e culturalmente relevante ao ensino sobre sexo e relacionamentos, fornecendo informações cientificamente corretas, realistas e sem pré-julgamento. A educação em sexualidade fornece oportunidades para explorar os próprios valores e atitudes e para desenvolver habilidades de tomada de decisão, comunicação e redução de riscos em relação a muitos aspectos da sexualidade” (UNESCO, 2010, p.2)

A sexualidade masculina parecia sem problemas no contexto das circunstâncias sociais “separadas e desiguais” até em pouco tempo prevaletentes. Sua natureza era ocultada por uma variedade de influências sociais que atualmente já foram ou estão sendo destruídas. Elas incluem: 1. O domínio dos homens na esfera pública; 2. O padrão duplo; 3. A associada divisão das mulheres em puras (casáveis) e impuras (prostitutas, meretrizes, concubinas, sedutoras); 4. A compreensão da diferença sexual proporcionada por Deus, pela natureza e biológica; 5. A transformação das mulheres em problemas, sendo obtusas ou irracionais em seus desejos e ações; 6. A divisão sexual do trabalho (GIDDENS, 1993, p. 126).

Esta forma de perceber homens e mulheres é definidora de lugares e padrões preestabelecidos para cada um dos sexos. No Brasil, essa construção do gênero e da sexualidade feminina seguiu também o curso de uma cultura patriarcal.

A idealização dos papéis de homens e mulheres, assim como da família acabou por ocultar conflitos e dramas que ao longo da história foram se arrastando como problemas da esfera particular, e não das relações sociais, econômicas e culturais. A violência contra mulheres e crianças e os problemas relacionados à sexualidade são exemplos dessa relação.

A vida sexual das mulheres ganhou evidência quando as conotações de saúde sexual e reprodutiva apareceram associadas, assim como, a relação entre educação e saúde. Segundo Dolto (1988, p. 55) “a saúde sexual não se mede pela atividade erótica fisiológica do indivíduo; esta constitui apenas um dos aspectos da sua vida sexual. O outro aspecto é o seu comportamento afetivo em face do objetivo de amorosidade [...]”.

Os conceitos de sexualidade apresentados pelas participantes não vieram isolados da forma como aprenderam em seus meios a conceber e a viver a sexualidade. A seguir, organizado no quadro abaixo, as narrativas das adolescentes apresentam-se como concebem a sexualidade. A dificuldade em tratar do tema evidencia que a sexualidade ainda é um tabu para as meninas e conversar sobre o assunto muitas vezes se resume em conhecer formas de prevenção de uma gestação não planejada.

Quadro 1 – Narrativas sobre o conceito de sexualidade

Azaleia, 17 anos	<i>É uma palavra que tem diversos significados tanto como na parte de sexo masculino e feminino quanto da intimidade do ser humano.</i>
Rosa, 16 anos	<i>No momento não está lá assim essas coisas (referindo-se a barriga de sete meses de gravidez). Era bom, né. Você está falando de sexo, de transa? <i>É.</i> E o que é sexualidade pra você?</i>

	<i>Acho que faz parte também a transa. A sexualidade em termos geral eu não conheço muito bem, eu conheço mais a parte de doença, gravidez.</i>
Camélia, 18 anos	<i>É quando uma pessoa gosta da outra. Ah, pra mim é quando uma pessoa é companheira com a outra, não quer brincar com os sentimentos da pessoa. Quer (tipo) ter um relacionamento com a pessoa, como gostar da pessoa.</i>
Jasmim, 16 anos	<i>Pra mim sexualidade é o que a gente vive. É muita coisa. Sexualidade pra você é o que já acontece na sua vida... Não só na minha, mas na vida de todo mundo. Sexualidade é uma coisa que tem compartilhar você com um amor.</i>
Dama da noite, 19 anos	<i>Pra mim sexualidade é uma forma de estar conhecendo melhor seu parceiro e assim dependendo do tempo que está namorando é até bom. Eu aprendi que sexualidade não é um... tem muita gente que leva pra outro jeito...sei lá... um esporte, um gostar de fazer. Eu não...pra mim é uma coisa mais íntima, mais sua, mais pessoal, entendeu, a partir do momento que você gosta da pessoa.</i>
Margarida, 16 anos	<i>Acho que para mim sexualidade é o que o homem sente pela mulher, uma atração. Eu acho que é uma troca de sentimento, ter tudo retribuído. Tudo que vai, volta. Então é uma troca de sentimento.</i>
Orquídea, 17 anos	<i>Ah, sei lá. Tanta coisa. O tipo da coisa... Ah... Ter uma relação. É ter uma relação, se envolver, acho que é isso. É se relacionar. É se envolver, a pessoa sentir um prazer. É sentir um prazer. Duas pessoas sentindo prazer. Igual pra mim é sentir um prazer. Não adianta transar sem sentir prazer, pra mim não adianta nada.</i>
Violeta, 14 anos	<i>Sei lá. Tudo que a gente faz com.... Nem com as minhas irmãs eu falo direito.</i>

DADOS DA PESQUISA

A concepção de sexo e afetividade vêm carregadas também de um viés moralizante. A vinculação do sexo à reprodução, herança do período vitoriano (FOUCAULT, 2010) dos séculos XVII e XVIII ainda representam fortes apelos na sociedade.

Segundo Whitaker (1988, p. 75) “toda relação social, por mais afetiva que seja, tem sempre um caráter político, no sentido de que envolve manifestações de poder [...] afeto e poder se confundem e fazem parte da trama social do cotidiano”. E conclui-se que o poder é algo desigualmente distribuído em nossa sociedade no que tange à sexualidade.

Para as mulheres e meninas a sexualidade pode estar repleta de sentimentos de vergonha pela imagem inconsciente das proibições do falar de algo pecaminoso, pelo receio de não fazer parte da normalidade e como algo íntimo. Ao desvelar a sexualidade, desvela-se também uma parte de si mesmo, já que os sentimentos eróticos são poderosos e as meninas precisam se apropriar dele.

Quando uma menina tem controle sobre o próprio corpo, sobre suas fantasias, sobre seus prazeres e dá a si mesma alguma permissão para explorar, para se educar e até para perder um pouquinho o controle num ambiente seguro, vai se transformar numa mulher adulta que tem e dá prazer sem medo ou vergonha (LAMB, 2001, p.355).

De acordo com as narrativas sobre o conceito de sexualidade das adolescentes emergiram a afetividade, a relação sexual, as diferenças biológicas e o prazer. De fato, essas dimensões estão arraigadas em muitos valores, aqueles do contexto, do ambiente, e das representações mais antigas que perduram séculos mostrando as nítidas diferenças de gênero e como o prazer feminino ainda está derivado do masculino. Abaixo, apresenta-se no quadro trechos das narrativas sobre como vivem sua sexualidade.

Quadro 2. Narrativas sobre o viver a sexualidade

<p>Amor-perfeito, 18 anos</p>	<p><i>Pra mim normal. Tranquilo. Normal.</i> <i>Ah, eu perdi a virgindade novinha, com treze anos, mas não pela cabeça de ninguém foi decisão minha.</i> <i>Ah é bom, bastante. Eu não sou daquelas meninas que fica por ficar. Eu gosto de ficar com alguém que eu vou me sentir bem. Tranquilo. Normal. Bem, se você não está gostando...</i></p>
<p>Camélia, 18 anos</p>	<p><i>Normal. Vivo normal.</i> <i>Vivo normal. Com bastante medo, né. Muito medo às vezes, mas normal.</i> <i>Ah, muito tranquila. Eu tenho uma filha sem um companheiro (assim), então vivo normal no meu dia-a-dia normal.</i> <p>Você falou do medo, fala mais sobre isso. <i>Ah, porque tem gente que pensa... tem gente que só quer “zuar” com a pessoa, não quer nada sério, só quer só brincar, então às vezes as pessoas se sentem muito inseguros.</i></p> </p>
<p>Rosa, 16 anos</p>	<p><i>Ah, normal.</i> <i>Ah, normal.</i> <i>Não vivo muito não. Meu relacionamento é mais com a pessoa que eu estou. Não é com quem encontra no bar e já quer me levar. Nisso aí eu sou prevenida, cuido de mim. É coisa séria, sabia. Depois que eu vi aquilo do HIV. Deus me livre.</i></p>
<p>Violeta, 14 anos</p>	<p><i>Nada de mais. Eu não tenho namorado.</i> <i>Nada de mais. Eu não tenho namorado.</i> <p>Então você já se preocupa com isso (com a relação sexual)? <i>Por causa das minhas amigas e tudo. Tipo elas já fazem,</i></p> </p>

	<p>então...</p> <p><i>Eu nunca tive namorado. Sei lá. É tanta coisa. Ainda não me deu vontade de saber como é.</i></p> <p>Não teve?</p> <p><i>Não. Os meninos vêm e tudo, mas não tenho vontade de saber como é. Ah, e tem menina que fica com bastante menino. Aí fica mal falada. Eu acho criança do menino também, mas ela tá errada de ficar com muitos meninos. Não, não chegou minha hora ainda. Só que eu sou muito na minha, não sou de sair.</i></p>
Margarida, 16 anos	<p><i>Bem. Que da melhor forma possível eu tento levar, né, meu relacionamento. Importante.</i></p>
Jasmin, 16 anos	<p><i>Me prevenindo pra não ocorrer o risco de gravidez porque eu sou muito nova e não pode correr o risco de pegar doença. Ah, eu vivo assim no dia a dia.</i></p>
Azaleia, 17 anos	<p><i>Na área íntima, bom atualmente eu não estou muito ativa. Eu estava namorando tudo bonitinho, tem uns dois meses que eu terminei o relacionamento, e foi praticamente dois anos que me relacionei com essa pessoa e a gente teve aquele contato físico, a tal da sexualidade. Eu acabei me tornando ativa com ele, porque ele era um rapaz de 22 anos e eu com dezessete. Fui amadurecendo de certo ponto com ele.</i></p> <p><i>Bom, é um pouco difícil, mas na hora do momento a gente tem que ter a cabeça no lugar. E falar “não” tem que ser desse jeito, tem que pensar no amanhã, a gente nunca sabe o que vai acontecer no dia de amanhã. É difícil, é um pouquinho ruim, mas tem que fazer.</i></p>
Dama da noite, 19 anos	<p><i>Eu namoro há quase dois anos. Voltei, terminava, voltava e terminava e aí a gente... faz sexo moderadamente. Ele também trabalha e eu tenho minhas coisas para fazer e às vezes, só vejo no final de semana.</i></p> <p><i>Na experiência. Desde os meus quinze anos...conheço bastante coisa assim... Você vai conhecendo, quebra a cara ali, quebra a cara aqui e vai... e vai maneirando e vendo bem o que é que é.</i></p> <p>Você não tem filho?</p> <p><i>Não. Não. Sou bem cautelosa.</i></p> <p>Você falou que é cautelosa, porquê? O que você faz que se acha cautelosa?</p> <p><i>Além de me prevenir tenho que gostar bastante da pessoa. Se eu num... aí nem tem entrega. Pode ser bonito, pode ser o que ser for...</i></p> <p><i>Eu tomava remédio, mas engorda muito. Então só camisinha mesmo.</i></p>

DADOS DA PESQUISA

Uma representação recorrente de ‘normalidade’ mostra como comportamentos sexuais são internalizados, apreendidos, interpretados e manifestam-se como atos tão comuns.

Segundo Heilborn (2006) a relação sexual é interpretada como espontânea, porém, é fruto de um aprendizado sutil e diário que não é retido pela consciência e, por isso, pensa-se que é algo que já “nasce sabendo”. Este aprendizado recebe imensas influências baseadas nas diferenças de gênero. A definição do que é certo ou errado, na maioria das vezes, carregam estereótipos sexistas, homofóbicos e racistas e dão margem a classificações.

As definições e classificações pressupõem que haja um modelo de normalidade aos quais todos devem ajustar-se. Os demais arranjos ficam subordinados à categoria de desviantes, que são muitos e complexos. Aos modelos “normais” se opõem aos não-normais, os patológicos. Por meio de oposições binárias aprendemos as decifrações dos comportamentos das pessoas e a julgá-las segundo esses padrões (GONÇALVES, 1999, p. 200)

A “normalidade” extenuada nas narrativas trouxe também elementos contraditórios. A aparente normalidade é associada ao medo e à insegurança dando uma conotação de que estes elementos na vivência da sexualidade possam ser considerados normais.

O medo na área sexual existe desde tempos remotos. Ao contrário do que se pensa o medo impede a autoproteção. Ele passa a povoar os sonhos, cria obsessões, atitudes vitimistas, covardes, agressivas ou hipócritas diante do sexo. É preciso que as pessoas não esperem somente serem protegidos na área sexual, mas aprendam a proteger a si mesmos. “Essa autoproteção inclui não apenas o corpo, mas também os sentimentos, as ideias, a personalidade” (VASCONCELOS, 1994, p. 49).

Algumas meninas responderam à pergunta enfatizando que a prática sexual ocorre no dia a dia com seus namorados, e destacaram que a prevenção é uma rotina e a atividade sexual auxilia a manter o relacionamento. De fato, é muito comum que as pessoas costumem associar a infidelidade masculina e as separações a situações de culpabilização das mulheres. Quase sempre os discursos vêm carregados de exigências para que as mulheres façam “de tudo” sexualmente e quantas vezes forem precisos para satisfazer seus parceiros, caso contrário responderão pelo fracasso dos seus relacionamentos.

A esse respeito Withaker (1988) enfatiza que constantemente a valorização do amor é utilizada dentro dos relacionamentos como mecanismos de poder muito diferentes entre homens e mulheres.

O erro ocorre quando o amor se transforma em instrumento de manipulação: sobre meninas e mulheres para a ameaça de perder o amor. Essa manipulação é um dos mecanismos

fundamentais na criação das meninas e precisa ser desmascarada (WITHAKER, 1988, p.10).

A prevenção ganhou um peso maior e destacou as contradições sutis entre ser nova para “pegar” uma doença e para engravidar. Este discurso refere que a gravidez na adolescência não é uma situação estranha, mas é negativa, e vista no cotidiano como uma situação comum.

De acordo com Vitiello (1999) a adolescente que ao engravidar, não aborta e não se casa, receberá um peso biopsicossocial muito preconceituoso em nosso meio. A sensação de traição e culpa que a família sente prejudica as possibilidades de continuidade da adolescente grávida no seu curso de vida como adolescente. As perspectivas de vida ficam sombrias mais pelo que se cria do que realmente é.

Para a única adolescente que se autodeclarou virgem o comportamento sexual (para ela) ainda não existe. No entanto, sua narrativa está impregnada de valores morais com abordagens diferentes para homens e mulheres. A diferença baseada no gênero embasa seu discurso atrelando a dignidade das mulheres à quantidade de parceiros afetivo-sexuais.

O destaque para a vida social ampliada através do “sair” também foi apresentado e, tal como isso ganha importância para a vivência de relacionamentos afetivos (namoros ou ficadas), o “sair” é o primeiro item gerador de culpa e castigo para as meninas quando uma gravidez na adolescência acontece.

Para as meninas com relacionamentos estáveis o ato sexual faz parte da rotina e a ênfase no discurso recai sobre as práticas preventivas e a moralização da conduta sexual das mulheres.

De fato, a sociedade em que vivemos ainda desconfia da dignidade e da moralidade das mulheres que têm conhecimentos da vida sexual e que demonstra seus desejos. Para muitas meninas e mulheres a sua sexualidade está à mercê da sexualidade de seu parceiro.

Giffin (1999, p. 177) afirma que as mulheres que têm conhecimentos sexuais são afetadas em sua reputação. “Conclui-se que, nesse esquema, não há concepção do desejo feminino: a sexualidade feminina (que é) valorizada responde aos desejos de outros, não é um desejo ativo”. Isso é parte de uma visão patriarcal e falocêntrica de sociedade.

Para as adolescentes com relacionamentos mais longos a percepção de que muito da conduta sexual foi e é aprendida na prática diária. Tornar-se ativa sexualmente tem conotação de frequência e acúmulo de experiência. Há novamente o destaque para informar que o sexo acontece dentro de um relacionamento considerado sério.

Mesmo assim, o comportamento preventivo mostra-se falho. A intimidade e a convivência não são garantias de práticas preventivas, ao contrário, são indicativos de fragilidade. A prática sexual protegida não é um comportamento fácil de ser adotado e seguido, sobretudo para as meninas “pois isto implicaria uma forma de previsão e, portanto, de postura ativa, deixando entender que elas são “experientes”, o que levanta dúvidas sobre sua moralidade” (HEILBORN, 2006, p. 37).

Elementos como culpa e medo apareceram repetidamente nas narrativas das adolescentes. A trajetória histórica da sexualidade feminina tem mostrado que o empoderamento das mulheres tem chegado mais rápido às esferas públicas do que no campo do privado, em especial da intimidade e da sexualidade.

A educação em sexualidade faz um importantíssimo papel na reelaboração ou manutenção desses modelos e, por isso, suas narrativas foram tão enfáticas e emergiram com maior facilidade nesse item como observa-se no quadro abaixo.

Segundo Bozon e Heilborn (2006) a forma como os adolescentes obtém suas informações sobre sexualidade diferenciam-se de acordo com o lugar atribuído a cada um dos agentes (famílias e pessoas de destaque da família, grupos ou pares, membros do mesmo sexo ou oposto, fontes de informação coletivas – TV, revistas, filmes, instituições, etc.). O quadro abaixo apresenta trechos das narrativas sobre como aprendem sobre sexualidade.

Quadro 3. O aprendizado sobre a sexualidade

Amor-perfeito, 18 anos	<p><i>Ah, com amigas eu tinha mais intimidade. Com minha prima, que considero como tia. Eu tinha mais intimidade com ela.</i></p> <p><i>Na Fundação Casa, conversava bastante com outras meninas.</i></p> <p>E com as amigas (o que se falava) ?</p> <p><i>Era “ai eu daquele jeito” aquele “acho que não é limpo”, “aquele eu não fico acho que tem alguma coisa”, bem mais íntimo (sobre os meninos da ala masculina).</i></p> <p><i>Era “ai eu daquele jeito” aquele “acho que não é limpo”, “aquele eu não fico acho que tem alguma coisa”, bem mais íntimo (sobre os meninos da ala masculina).</i></p> <p><i>Onde eu estava...que eu fiquei presa na Fundação Casa [...]</i></p> <p><i>Onde eu estava, que eu fiquei presa na Fundação Casa, conversava bastante com outras meninas, tinha grupo. Então eu conversava bastante.</i></p> <p>O que era falado?</p> <p><i>Se prevenir essas coisas. Ah, se prevenir, usar camisinha, tomar remédio, passar no ginecologista. Tinha enfermeira. Tinha uma equipe. Ah, sobre doenças, elas mostravam vídeos de doenças, como se prevenir, tinha uma tabela com camisinha, injeção, pílula.</i></p> <p><i>Também pode pegar uma doença e também filho eu não quero, sou muito nova pra ter filho.</i></p> <p>E agora? Depois que saiu?</p> <p><i>Ah, agora com dezessete eu converso mais, porque eu nunca tive muita intimidade com minha mãe. Bom, minha mãe conversa bastante comigo em casa.</i></p> <p>Alguém mais?</p> <p><i>Meu namorado.</i></p> <p>E você tem aprendido com ele?</p> <p><i>Eu acho que ele mais, porque ele é mais novo.</i></p>
-------------------------------	--

	<p>E na Fundação falava mais do quê? Doenças, vídeos, fala de também de como prevenir, pra quem gostava de mulher também tem como se prevenir. Lá foi o único lugar que tratou deste assunto (da homossexualidade)? Sim.</p>
<p>Dama da noite, 19 anos</p>	<p>Inclusive quando eu tinha quinze anos uma prima minha que tinha doze falava coisas que eu mesma não tinha feito. Inclusive ela tem quinze anos e tem um filho de um ano. Na escola, nos cursinhos que fiz, eles sempre falam sobre isso. Já falava de doença e aí a gente fica com medo. Não. Eu falei minha prima porque eu conversava muito com ela, mas tem minha mãe, minha avó. Quando eu fiz quatorze anos e quis namorar, elas já me pegaram...e “vem cá – pelo amor de Deus”. E quando sua mãe e sua avó falou você já tinha relações? Antes. Foi bem antes. Na experiência. Desde os meus quinze anos...conheço bastante coisa assim... Você vai conhecendo, quebra a cara ali, quebra a cara aqui e vai... e vai maneirando e vendo bem o que é que é.</p>
<p>Jasmin, 16 anos</p>	<p>É entre as meninas também (sobre as amigas da Fundação CASA). [...] quando eu fui presa aprendi bastante coisa lá dentro. A maioria na cadeia (das coisas que aprendeu). Quando eu fui presa aprendi bastante coisa lá dentro. Mas quando eu estava fora minha mãe também falava pra prevenir sempre me orientava assim. Lá dentro eles ensinavam várias coisas, higiene, pra gente se prevenir, pra não engravidar, várias coisas. Onde mais você aprendeu sobre sexualidade? Na Fundação, com minha mãe, com o namorado. Assim aprendendo no dia a dia, na prática. Conversando com as colegas também. Eles (na Fundação CASA) faziam um grupo com enfermeira e falava pra se prevenir, não pegar doença. Usar camisinha pra não pegar doença, usar camisinha com o parceiro também, higiene. Aprendi bastante sobre higiene lá. Falava também de mulher com mulher, homem com homem, mais mulher com mulher. E sua mãe falava o quê? Em prevenir. E hoje? Sempre ela fala – “Toma cuidado pra na pegar barriga, menina”. Quando eu saio com meu namorado ela fica falando. Eu sou</p>

	<i>muito nova não quero ter filho agora.</i>
Violeta, 14 anos	<p><i>Que homem é mais fácil pegar doença que mulher, que é mais fácil pra ficar machucado. Que não vai com qualquer menina, que pode ter doença, não é só o menino que tem. Ah, fala tanta coisa. Sei lá. A gente fala que tem usar camisinha e outras (meninas dizem) que nada não acontece nada. Aí eu falo “que nada, vai nessa”.</i></p> <p><i>Elas (irmãs) vivem conversando isso comigo e minha mãe também.</i></p> <p><i>Com a minha mãe nem tanto, mas ela me aconselha, fala toma cuidado...</i></p> <p><i>Minha mãe fala pra não sair com qualquer pessoa.</i></p> <p><i>Ah, elas (irmãs) falam pra prevenir, que quando elas tinham a minha idade delas elas não pensaram. Minha irmã ficou grávida com doze anos, outra com quinze, a outra com dezesseis. Essa de doze fala “eu me arrependi”. E minha mãe dava bastante conselho pra ela. Ela saiu de casa porque ela quis.</i></p> <p>E seu pai...</p> <p><i>Não...não falo muito com ele.</i></p> <p><i>Mas também tem livro que ensina. Na casa das minhas amigas a mãe delas ficam falando também.</i></p>
Orquídea, 17 anos	<p><i>Ah, aprendi várias coisas, que doenças que pega, o HIV. Aprendi aqui (referindo a instituição de LA). Aprendi aqui que não é só usar camisinha para não engravidar, também é para prevenir as doenças. Não adianta sair com menino...</i></p> <p><i>Aprendi aqui no LA, teve uma palestra, entendeu, aí veio um médico, conversou com nós, explicou, mostrou as doenças. Estou aprendendo aqui. Se não fosse aqui eu nem sabia que era essas doenças. Foi aqui que me incentivou a usar camisinha, senão eu era maior Look (loque= louca). Então, mas aprendi aqui.</i></p> <p>Em algum lugar mais (você buca essas informações)?</p> <p><i>Todas da LA.</i></p> <p>E o que mais você aprendeu?</p> <p><i>Isso também é normal. As doenças depois que eu vi aqui, que mostrou, meu Deus! Eu sei que o HIV vem o primeiro o vírus e que depois é que vira Aids.</i></p> <p><i>Aprendi sobre os remédios, anticoncepcional, a injeção que tem de 3 meses, que nós temos que passar no ginecologista também. O ginecologista é o mais importante para saber se não está com nenhuma doença. Se não pegou HIV.</i></p>
Azaleia, 17 anos	<i>Bom, hoje por coincidência na aula de Sociologia teve um debate sobre gravidez na adolescência e foi gerando vários temas como aborto, doenças, várias coisas, então eu tenho</i>

um ensinamento dentro de casa e na escola também. E hoje eu vejo muitas meninas mais novas que eu e mais velhas também sofrendo porque engravidam muito cedo e não tem condição financeira adequada e querendo ou não acabam machucando, assim e sofrendo, porque é uma criança que tá gerando, fora da hora, mas é um ser que a gente ter que criar e que muitas das vezes a pessoa não teve esse conhecimento que no caso eu tenho. Então muitas vezes, eu acho que a pessoa engravida por falta de conhecimento, sabe, falta de alguém ensinar, alguém pra sentar e conversar.

E o que mais fala na escola?

Ficou muito na prevenção por doença, só com AIDS. Hoje tem um certo preconceito na sociedade, então sempre foi em direção a prevenção.

Eu acho que tudo começa com uma conversa, então assim, antes desse relacionamento eu sempre fui aberta com a minha mãe, a gente sentava, conversava, ela colocava em jogo, explicava pra mim situações que ela já passou, usava como exemplo, e por eu ser a única menina dentro de casa eu me tornava muito amiga da minha mãe. Ela me contava coisas e ela queria que eu fosse aberta com ela também como ela era comigo. Então neste relacionamento, até da primeira vez que a gente fez eu cheguei na minha mãe e mesmo assim ela continuava dando conselho.

Eu concordo que no comecinho minha mãe sentava comigo pra conversar destas coisas meu ficava com vergonha. Ficava sem jeito, mesmo não falando nada só de escutar minha mãe falando essas coisas eu ficava com receio. Só que o tempo foi passando e eu fui conhecendo, quando eu fui para fisicamente, saí da teoria, então acabei me tornando amiga da minha mãe e confiando nela pra contar as coisas.

Ficou muito na prevenção por doença, só com AIDS hoje tem um certo preconceito na sociedade, então sempre foi em direção a prevenção (sobre a escola).

Só que a minha mãe fala comigo do aborto. Ela não me espanta, "se ficar grávida você vai embora de casa", ela fala que vai me acolher só que é uma certa responsabilidade que eu vou estar ganhando da vida. Então eu vou estar perdendo o meu direito de sair, aquela bagunça com as amigas, então eu vou estar perdendo muita coisa devida a uma...não coloco uma irresponsabilidade porque pode acontecer com qualquer um, mas uma atitude minha eu vou estar pagando para o resto da minha vida.

Eu já tinha certo conhecimento de como fazia, como a gente se prevenia. E só foi fortalecendo meu conhecimento e aprendendo coisas da vida e assim a gente foi seguindo.

E o que vocês foram aprendendo?

Ah, como se prevenir , o uso da camisinha que é muito

	<p><i>importante, o anticoncepcional diversos fatores que a gente pode tá usando pra se prevenir quanto doenças, quanto para gerar uma crianças.</i></p>
<p>Rosa, 16 anos</p>	<p><i>É assim, eu procuro ler sobre essas coisas, participo de palestras quando tem em escola em algum lugar assim, participo de palestra e também converso bastante com meu parceiro sobre isso. Acho que é importante também.</i></p> <p>E o que fala na escola?</p> <p><i>Doenças. Prevenir também as doenças, gravidez.</i></p> <p><i>É assim, eu procuro ler sobre essas coisas, participo de palestras quando tem em escola em algum lugar assim, participo de palestra e também converso bastante com meu parceiro sobre isso. Acho que é importante também.</i></p> <p><i>Revistinhas, que nem de banca de jornal. Qualquer coisa que aparece pra ler sobre essas coisas, pra estar me informando.</i></p>
<p>Camélia, 18 anos</p>	<p><i>Já aprendi isso na escola também.</i></p> <p><i>Ah. Eles mostraram como é que pega os tipos de doença, fala sobre isso, sobre AIDS e DST.</i></p> <p>E mais alguma coisa?</p> <p><i>Não. Porque ela saiu e o outro professor não gosta, mas no começo foi ela.</i></p> <p>E esse agora?</p> <p><i>Fala mais natureza, nada sobre isso. Acho, que deveria falar sobre como a mulher engravida, quando não pode ter filho.</i></p> <p><i>Ah, através da minha mãe, conversando com minha mãe, também através da minha filha, porque eu tenho uma filha agora.</i></p> <p><i>Ah, converso muitas coisas, converso como prevenir, (tipo), porque quando eu era mais nova não perguntava nada para minha mãe até que tive uma filha. Nunca perguntei isso para minha mãe. Tinha vergonha de chegar na minha mãe para perguntar essas coisas pra minha mãe, depois que eu tive minha filha que comecei a perguntar esses negócios, mas através disso antigamente eu tinha vergonha, até que eu engravidei.</i></p> <p>E o que ela falava?</p> <p><i>Me dava muito conselho, dava lições pra ir no posto, tomar remédio, injeção. Porque uma criança até é bom, agora uma doença (né).</i></p> <p><i>Ah, através disso aprendi... que eu já tenho uma filha (né), aprendi muitas coisas...aprendi que...ah, não sei explicar.</i></p> <p><i>Ah, porque aprendi muitas coisas com a vida e com minha filha, aprendi muitas coisas com ela.</i></p> <p><i>Ah aprendi muita coisa, aprendi que ficar saindo (assim) não leva à nada, (tipo) eu parei com muitas coisas.</i></p> <p><i>Ah, aprendi amar as pessoas, muito, aprendi não magoar</i></p>

	<i>ninguém.</i>
Margarida, 16 anos	<p><i>Acho que a confiar mais nas pessoas, compreensão, atenção. Acho que os direitos de cada um. Aprender a respeitar o espaço de cada um.</i></p> <p>Onde você busca estas informações?</p> <p><i>Acho que em mim mesmo.</i></p> <p>O que você já aprendeu?</p> <p><i>Acho que confiar mas, não em todo mundo. Mais na pessoa que está ao seu lado sempre te acompanhando e te ajudando com certeza e os direitos de cada um. Cada um tem o direito de pensar o que quiser, achar o que quiser e exigir o que quiser um do outro.</i></p> <p>Você busca essas informações em mais algum lugar?</p> <p><i>Comigo e com ele, meu namorado. Acho que nós dois um ensina o outro.</i></p> <p>Como assim?</p> <p><i>Bem no sentido que sempre estou com ele do meu lado, sempre me acompanhando no que eu preciso ele está ali. Acontece conversando. Com muita conversa e assim vai. Eu acho que ele me ensinou isso. A confiar mais nele e a confiar em mim.</i></p> <p><i>Só isso e respeito um pelo outro. Respeito.</i></p>

As narrativas apresentadas demonstraram também o grau de influência que cada um dos agentes tem com as adolescentes ao tratar da sexualidade. O grupo ou sujeito se apoia em ideias de seus grupos ou pessoas de referência para elaborar suas representações.

Os grupos de amigos adolescentes tiveram maior influência nas informações de cunho mais íntimo. A troca de informações difere muito daquelas abordadas pelos demais. A afetividade, a necessidade de compor vínculo para o sexo, o “como se faz” e o prazer são mais falados entre amigas.

Embora com maior influência no campo da intimidade, as informações obtidas entre os pares muitas vezes nem sempre são corretas. Tal como vimos anteriormente, o grupo de amigos pode pressionar o adolescente a certos comportamentos arriscados. Como o caso das informações errôneas e contraditórias passadas entre pares dentro da Fundação CASA.

Estas informações incorretas que circulam entre os jovens estão ainda arraigadas no imaginário de um grande número de pessoas demonstrando que estereótipos de gênero ainda estão presentes, como nas narrativas de Violeta sobre a facilidade de homens terem maiores chances de IST. Em seguida, Violeta aponta para o fato que mesmo sabendo da importância do preservativo as meninas podem ter a fantasia (próprias da infância e da adolescência) que certas coisas ruins nunca acontecerão com elas. É neste momento que os adolescentes se mostram vulneráveis. Se o grupo com este tipo de pensamento tiver muita influência uns sobre os outros poderão ficar vulneráveis em muitas situações como na violência, na

experimentação de drogas e no comportamento sexual. Isso exige maior atenção dos adultos responsáveis pelos adolescentes na percepção da identidade do grupo.

Ficou evidente também que para essas adolescentes a Fundação CASA é uma cadeia, ou seja, não há a percepção de que a instituição é de cunho educativo e não compõe o sistema prisional. As pesquisas de Dias (2000) e Couracci (2008) sobre as percepções e representações de adolescentes privados de liberdade sobre a instituição foram as mesmas, atrelando o modelo socioeducativo ao modelo prisional. De acordo com Volpi (2002) esse não é um pensamento isolado. Há uma enorme carga de estigma negativo sobre as instituições de privação de liberdade para adolescentes.

Mesmo assim, o que se percebe nas narrativas é que a Fundação CASA teve maior importância na educação em sexualidade para estas meninas que a própria família e a escola. Algumas acreditam na ideia de que os saberes da sexualidade são acumulados pela idade e não pelas experiências e informações adquiridas ao longo da vida.

A ordem como Jasmim apresenta os agentes das informações denota a importância que atribui a cada um deles neste processo - “na Fundação, com minha mãe, com o namorado, no dia a dia e com as colegas também”. Como enfatizou Bozon e Heilborn (2006) e, confirmados neste estudo, as informações são diferenciadas de acordo com o contexto de quem as transmite. As informações sexuais (sobre quando ter relações, o que fazer ou não) são praticamente personalizadas já que tendem a ser transmitidas pelos pares (grupos de amigas) e pelas mães. Por isso, essas informações vêm carregadas de vivências e crenças de quem os passam. Em seguida, vieram as informações institucionais, neste caso escola as de medida socioeducativa, prezam em larga escala pela prevenção da gravidez e das infecções sexualmente transmissíveis. Já o pai nunca é citado como informante.

A única referência à homossexualidade apareceu nas narrativas das adolescentes que cumpriram medida na Fundação CASA. Como dito antes, essa é uma informação personalizada pelo contexto e que de acordo com o apresentado não fugiu ao foco da prevenção.

Para a adolescente Orquídea a instituição de liberdade assistida teve um papel muito importante nas informações que adquiriu. Embora a instituição tenha abordado a sexualidade com as adolescentes, a ênfase institucional está mais para saberes voltados à intimidade, convivência, afetividade e corporalidade. De acordo, com Pinto (1999) os encontros pontuais surtem poucos efeitos (quando não negativos), pois não possibilitam o diálogo, a vivência, a valorização e a troca de experiências, informações e saberes do próprio grupo. A distância e o desconhecimento entre interlocutor e grupo também são fatores agravantes. Nas narrativas apresentadas nenhuma das adolescentes mencionou que diálogos ou orientações tivessem ocorrido com seus orientadores institucionais. Sabe-se que o objetivo da liberdade assistida é justamente a aproximação, acompanhamento e criação de vínculo entre orientador e adolescente.

As equipes de fora trazidas para este trabalho podem oferecer informações seguras, porém, em palestras ou encontros casuais um número grande dessas mesmas informações não são sequer apreendidas. Além disso, volta-se para uma

pedagogia da sexualidade extremamente médico-higienista, onde o foco são as doenças e não o prazer; a medicalização do sexo e não o desenvolvimento da sexualidade; a verbalização de nomenclaturas e não o conhecimento do corpo; a idealização do outro e não a aceitação de si.

A escola é importante *locus* de educação em sexualidade e neste estudo aparece como a segunda instituição a abordar a temática com as adolescentes. Para Bozon e Heilborn (2006) a escola é um o local de maior importância. Diferentemente destes achados e de acordo com o levantamento de perfil, muitas adolescentes tinham abandonado seus estudos ou tinham distorção na idade /série comprometendo sua relação com os vínculos escolares; isso pode explicar porque a instituição de medida socioeducativa teve maior importância na disseminação dos saberes da sexualidade.

A casualidade do trabalho pedagógico sobre a sexualidade também foi explicitado por outras adolescentes apresentando que mesmo dentro da escola o tema é abordado por “palestras”, e possivelmente por pessoas convidadas. A narrativa de Violeta demonstrou que o professor teve liberdade ou para tratar do assunto ou para não tratar, sendo uma opção pessoal e não uma composição do currículo escolar.

O tipo de abordagem médica e pedagógica utilizada pelas instituições citadas evidenciou que subjetivamente tem-se construído uma ideia de medo sobre a vivência da sexualidade. Conforme Vasconcelos (1994) essa ideia de educação baseada na profilaxia foi um forte argumento da entrada da saúde na educação. Entretanto, se a profilaxia sexual não orientar os jovens ao desenvolvimento do *ser* e do *ter* eles terão dificuldades em estabelecer uma vida sexual amorosa e autônoma. Não convém separar proteção de cuidado sob a égide de povoar as mentes de informações que causam mais medo e interpretações errôneas sobre a sexualidade.

As situações cotidianas são as que mais revelam nossos preconceitos. Gonçalves (1999) afirma que como aprendemos que ensinar é transmitir conteúdos a alguém, temos a forte tendência a tratar o outro como passivo receptor, com dificuldade para ouvi-los e a comportar tantas diferenças de valores, experiências e vivências como encontradas na escola.

Bozon e Heilborn (2006) estabelecem que as diferenças de gênero na socialização e aprendizado da sexualidade são bem evidentes. A mãe é uma fonte de informação importante das meninas, sobretudo no que diz respeito à gravidez. Ficou explícita a preocupação das mães e das demais mulheres da família sobre a gravidez, a contracepção e a ênfase dada aos aspectos negativos da sexualidade e de uma gravidez na adolescência.

Essa tendência em apresentar os aspectos negativos da sexualidade apresentados pelas mães e demais mulheres da família tem duplo aspecto: primeiro a exposição de suas próprias percepções e vivências, segundo, aquilo que Vasconcelos (1994) chama de ‘educar para a submissão’.

As percepções de uma sexualidade reprimida, carregada de ônus social e não prazerosa fica bem evidente em muitas narrativas.

A educação para a submissão, na maioria das vezes, não é uma ação consciente. Segundo Vasconcelos (1994) razões históricas e sociais explicam

porque as mulheres auxiliam na manutenção desses estados de sexualidade reprimida e doentia. A proteção de uma educação que a prejudica tem uma história milenar de exigências para serem doces, meigas e submissas como forma de sobrevivência em um mundo patriarcal cuja manutenção da “moral” dos homens e dependem delas.

A insistência das mães e demais mulheres da família sobre as intempéries da vida sexual ecoam da pressão psicológica feita às adolescentes para seguirem um caminho que elas julgam como certo – aquele diferente dos trilhados por elas. A narrativa de Violeta sobre a irmã ousada que sai de casa mesmo contra os conselhos da mãe evidencia isto. Ou seja, como Withaker (1998, p. 35) afirma “a vida de certas mulheres consiste em construir os caminhos que permitem a realização dos outros. Não há autoestima que resista”.

A sexualidade feminina é repleta de ambiguidades. Estimuladas o tempo todo para a sedução, as meninas são logo em seguida, induzidas a mostrar o corpo e negá-lo até o encontro ideal, ou seja, seduzir e reprimir, um contraponto entre desejo e responsabilização, prazer e culpa.

A aprendizagem da sexualidade também ocorre com seus parceiros. Casadas, namorando ou ficando, as adolescentes abordaram que ocorrem inúmeras descobertas no dia a dia, com a experiência. De fato, a sexualidade não é uma linha retilínea com um fim. A sexualidade se desenvolve no decorrer de toda a vida e se transforma pelas múltiplas experiências. Os parceiros foram apresentados como jovens e nas narrativas foram colocados como aprendizes também da sexualidade. Aquilo que se discute com os parceiros demonstrou ser diferente dos assuntos discutidos com os demais agentes.

As aprendizagens por revistas e livros também apareceram. Materiais de grande circulação, em linguagem popular e direcionada para determinados grupos, assim como os livros, exercem também papel informativo entre este segmento.

A aprendizagem dos saberes da sexualidade, sejam eles os relativos à relacionamentos ou a prevenção de doenças, não estão isentos de valores. Além disso, quanto ao aprendizado, é preciso perceber que conhecer é diferente de ter informações. O primeiro está ligado à capacidade de aplicabilidade e, portanto, autonomia diante do conhecimento.

A autonomia na sexualidade exigirá das adolescentes que os conhecimentos, informações e experiências possam ser ressignificados nos diferentes contextos e tempos de vida. Giddens (1993, p. 199) afirma que a sexualidade é plástica e a sua emancipação está justamente na capacidade de superar os aspectos da permissividade para criar uma “ética da vida pessoal que torna possível uma conjunção de felicidade, amor e respeito pelos outros”.

Isso demonstra porque a educação em sexualidade deve ater-se aos perigos de uma tentadora normatização. Segundo Pinto (1999) essa educação em sexualidade deve tolerar e valorizar o aparecimento de diferenças no caminho traçado para a vida sexual. É importante e apropriado auxiliar os jovens às suas próprias descobertas e facilitar sua aproximação de um ambiente seguro de informações, e isso, somente será possível através de vínculo de confiança.

No contato com amigos, familiares, profissionais de instituições, professores, parceiros e mídia os/as adolescentes buscam não só conhecimentos da vida erótica e amorosa, mas estão também buscando partes de suas identidades. Paradoxalmente, as adolescentes encontram este clima de cumplicidade onde as informações não são seguras, e os adultos responsáveis pelos adolescentes (familiares, professores, orientadores) não conseguem desenvolver tal clima, afastando-os de informações importantes.

Para as meninas há sempre mais desafios no campo da sexualidade. Lamb (2001) enfatiza que a bondade das mulheres e das meninas deve ser definida em termos universais de justiça, e não pelo quanto elas são capazes de refrearem seus desejos e prazer sexual. Assim, a sexualidade na adolescência não pode ser vista sem as lentes do gênero que a enredaram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para as adolescentes, a representação de sexualidade mostrou que um conceito amplo que envolve corpo biológico, prazer, relação sexual e afetividade, não está dissociado dos valores morais atribuídos diferentemente para cada um dos sexos, reforçados e ensinados pelos seus agentes e tipos de informação. Uma visão negativista da sexualidade e sobre os seus conhecimentos são incorporados e remodelados nos comportamentos sexuais.

O fato de estas adolescentes terem cometido infrações (algo ligado à transgressão e agressividade) não representou serem mais autônomas em sua sexualidade. As adolescentes recebem estigmas de submissão e passividade e isto dificulta a realização de sua curiosidade sexual, impedindo muitas vezes que as importantes atividades lúdicas eróticas possam ocorrer com naturalidade no desenvolvimento da sexualidade.

Assim como a sexualidade, a agressividade nas mulheres é vista com desconfiança. Há uma associação de que as mulheres e meninas transgressoras são associadas à uma vida sexual mais liberta de repressões que as demais. No entanto, não foi uma relação encontrada nesse segmento. As adolescentes mostraram dificuldade em viver uma sexualidade mais plena e livre de repressão e ônus do seu prazer.

A culpa e o medo sentido pelas adolescentes e suas necessidades de vincular o ato sexual à afetividade existe e é complexo, pois sabe-se que em algumas fases a experimentação do “ficar” é uma constante. A idealização é um processo típico da adolescência e o problema reside no fato de que na maioria das vezes o ideal não se concretizará.

A necessidade que cada sujeito tem de construir sua sexualidade está intimamente ligada aos comportamentos sexuais que vão se delineando no decorrer da vida. A autonomia sexual se forma com as influências do meio e isso faz com que muitas vezes ela se consolide sob valores, sentimentos e práticas nem sempre positivos e saudáveis, acarretando inúmeras vulnerabilidades. Grande parte da sexualidade feminina é expropriada e para as mulheres e às meninas as questões sexuais são intensamente marcadas pelas diferenças de gênero, por isso, a sua

reapropriação passa obrigatoriamente pelo questionamento dos modelos de ser “homem” e ser “mulher”.

As instituições de medida socioeducativa ganharam papel fundamental na construção da sexualidade e do conhecimento das adolescentes. Essa questão é essencial para implementar políticas públicas que assegurem direitos sexuais e reprodutivos como responsabilidade no processo de socioeducação.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos. Levantamento anual SINASE 2016. Brasília (DF), 2018. Disponível em: <http://www.mdh.gov.br/todas-as-noticias/2018/marco/Levantamento_2016Final.pdf>. Acesso em: 14/01/2019.

COURACCI, Aline Patricia. **Atrás das muralhas**: representações sociais da medida socioeducativa de internação por adolescentes privados de liberdade. 2008. 151 f. (Mestrado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, 2008.

DIAS, Jandira Maria Vasconcelos. **Em busca de vida na escuridão**: meninas privadas de liberdade numa instituição governamental. 2000. 121 f. (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2000.

DOLTO, Françoise. **Psicanálise e Pediatria**. 4.ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade**: a vontade de saber. 20ª. Reimpressão. Rio de Janeiro: Graal, 2010.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora UNESP, 1993.

GIFFIN, Karen. Poder e prazer: considerações sobre o gênero e a sexualidade feminina. In: RIBEIRO, Marcos. (Org.). **O prazer e o pensar**: orientação sexual para educadores e profissionais da saúde (volume 1). São Paulo: Editora Gente, 1999.

GONÇALVES, Eliane. Preconceitos, fobias e outras sombras que pairam sobre a educação sexual. In: RIBEIRO, Marcos. (Org.). **O prazer e o pensar**: orientação sexual para educadores e profissionais da saúde (volume 1). São Paulo: Editora Gente, 1999.

HEILBORN, Maria Luiza; AQUINO, Estela; BOZON, Michel; KNAUTH, Daniela Riva (Orgs.) **O aprendizado da sexualidade** – reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

LAMB, Sharon. **A vida secreta das meninas**. São Paulo: Melhoramentos, 2001.

PINTO, Enio Brito. **Orientação sexual na escola**. São Paulo: Editora Gente, 1999.

VASCONSCELOS, Naumi. **Sexo: questão de método**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 1994.

VITIELLO, Nelson. Gravidez na adolescência. In: RIBEIRO, Marcos (Org.). **O prazer e o pensar**: Orientação sexual para educadores e profissionais de saúde (volume 1). São Paulo: Editora Gente, 1999.

VOLPI, Mario. **O adolescente e o ato infracional**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

WITAKHER, Dulce. **Mulher e homem**: o mito da desigualdade. São Paulo: Editora Moderna, 1988.